

CRISES DA REPÚBLICA

Miryam Brambilla¹
Edimar Inocêncio Brígido²

RESUMO: A proposta do ensaio crítico é refletir, com base na obra de Hannah Arendt, sobre as mentiras entre os homens atuantes no cenário político, sendo utilizadas como manobras legítimas para alcançar fins políticos e a manipulação humana. Esse assunto é a questão central d'Os Documentos do Pentágono. Essas enganações são armações compartilhadas pelas relações públicas, utilizando das propagandas, pois a sociedade é uma sociedade de consumo, com uma economia de mercado, sendo assim, “compram” essas ideias, pois junto a elas vêm as promessas. Assim como acontece com o Congresso, que recebe essas manobras para que não intervenha nos atos que serão tomados pelos homens públicos. Sendo assim, 50% da política é construída de imagens, aquelas criadas pelas mentiras, as quais são designadas ao povo, os adquirentes desses políticos e de suas ideias e, com isso, os outros 50% da política se dão pela arte de fazer o povo acreditar nessa imagem. Os Documentos do Pentágono trazem consigo uma bagagem extraordinária de como as mentiras foram utilizadas para não demonstrar o medo da humilhação por parte dos Estados Unidos em relação a guerra com o Vietnã do Norte e, também, atingir seus objetivos. Nesses documentos estavam todos os planos e propósitos dos EUA e, dentre isso, os medos, os quais eram o do impacto da derrota, não para o bem estar da nação, mas para a reputação do país e de seu presidente.

PALAVRAS-CHAVE: Política. Mentira. Os Documentos do Pentágono. Hannah Arendt.

ABSTRACT: The proposal of the critical essay is to reflect, based on the work of Hannah Arendt, on the lies among men active in the political scene, being used as legitimate maneuvers to achieve political ends and human manipulation. This subject is the central issue in The Pentagon Documents. These deceptions are frames shared by public relations, using advertisements, because society is a consumer society, with a market economy, so they “buy” these ideas, because they are followed by promises. As it happens with Congress, which receives these maneuvers so that it does not intervene in the acts that will be taken by public men. Thus, 50% of politics is built on images, those created by lies, which are assigned to the people, the consumers of these politicians and their ideas and, with this, the other 50% of politics is dictated by the art of making the people believe in this image. The Pentagon Documents convey an extraordinary baggage on how the lies were used to not demonstrate the fear of humiliation by the United States in relation to the war with North Vietnam and also to achieve its objectives. These documents held all the plans and purposes of the U.S. and, among these, the fears, based on impact of defeat, not for the welfare of the nation, but for the reputation of the country and its president.

KEY WORDS: Politics. Lie. Pentagon Papers. Hannah Arendt.

¹ Graduanda do curso de Direito do Centro Universitário Curitiba, Turma 1ºMB, 1ºPeríodo, RA: 1312010113, e integrante do grupo de pesquisa Ética, Política e Democracia.

² Doutor em Filosofia pela PUCPR. É professor no UNICURITIBA e na Faculdade Vicentina - FAVI

INTRODUÇÃO

Este ensaio versa sobre o livro *Crises da República*, de Hannah Arendt, que foi uma filósofa de origem judaico-alemã, que viveu nos EUA após fugir de um campo de concentração para onde havia sido enviada pelo regime nazista, nos anos 1940.

Sempre muito atuais, os assuntos abordados pela autora transitam por política, autoridade, revolução e democracia, como protótipo do sistema republicano. Arendt sempre se preocupou com sistemas de democracia representativa, sendo que esse tipo retira do indivíduo a possibilidade de atuação direta sobre as decisões de interesse público. A filósofa sempre defendeu a ideia de que na modernidade surgiu o modelo ocidental de atomização política e apolitização do ser humano, em um processo de individualismo e alienação quanto à coisa pública.

A divulgação dos Documentos do pentágono, em 1971, decorria de um indiscutível crime contra a segurança nacional dos Estados Unidos, pois os documentos que contavam a ação americana no Vietnã eram secretos e foram furtados. A Corte Suprema dos Estados Unidos derrubou a tentativa do governo de proibir a sua divulgação.

103

1. OS DOCUMENTOS DO PENTÁGONO

A história de 47 volumes, consistindo em aproximadamente 3.000 páginas de narrativa e 4.000 páginas de documentos anexados, levou 18 meses para ser concluída. Ellsberg, que trabalhou no projeto, tinha sido um ardente defensor inicial do papel dos EUA na Indochina, mas, no final do projeto, havia se tornado seriamente contrário ao envolvimento dos EUA. Ele se sentiu obrigado a revelar a natureza da participação dos EUA e vazou grandes porções dos jornais para a imprensa.

Conforme o site History, o Pentagon Papers foi o nome dado a um estudo secreto do Departamento de Defesa do envolvimento político e militar dos EUA no Vietnã de 1945 a 1967. Enquanto a Guerra do Vietnã se arrastava, com mais de 500.000 soldados dos EUA no Vietnã em 1968, o analista militar Daniel Ellsberg, que havia trabalhado no estudo, chegou a se opor à guerra e decidiu que as informações contidas nos documentos do Pentágono deveriam estar disponíveis ao público americano. Fotocopiou o relatório e, em março de

1971, entregou a cópia ao *The New York Times*, que publicou uma série de artigos contundentes baseados nos segredos mais contundentes do relatório.

Ainda conforme o site History, os Documentos do Pentágono, oficialmente intitulados *Relatório do Escritório da Força-Tarefa do Secretário de Defesa do Vietnã*, é uma história do Departamento de Defesa dos Estados Unidos do envolvimento político e militar dos Estados Unidos no Vietnã de 1945 a 1967. Os documentos foram divulgados por Daniel Ellsberg, que havia trabalhado no estudo; eles foram trazidos pela primeira vez à atenção do público na primeira página do *The New York Times* em 1971. Um artigo de 1996 no *The New York Times* disse que os Documentos do Pentágono demonstraram, entre outras coisas, que o Johnson Administração “sistematicamente mentiu, não só para o público, mas também para o Congresso”:

Ao povo e seus representantes eleitos é negado acesso àquilo que precisam saber para formar opiniões e tomar decisões, e os protagonistas, que receberam autorização superior para conhecer todos os fatos relevantes, mantêm-se bem-aventuradamente ignorantes deles. (ARENDT, 2015, p.35)

No longo prazo, esse esforço por substituir a verdade dos fatos por versões falsas, gera uma espécie de cinismo generalizado, que passa a se manifestar em relação a qualquer fato ou evento histórico, por mais estabelecido que este tenha sido.

Os medos, do impacto da derrota, não eram para o bem estar da nação, mas para a reputação do país e de seu presidente. “[...] como se a marca da derrota na guerra fosse apenas a humilhação” (ARENDT, 2015, p. 23).

2. MENTIRAS E PROPAGANDAS

Os EUA, como queriam ter a imagem de maior potência do mundo, utilizavam de técnicas de relações públicas para proliferação de mentiras deliberadas, por meio das informações, no intuito de promover determinados interesses políticos, para normalizar um regime que cerceia as liberdades e silencia a oposição. “A manipulação é o que rege a mente das pessoas e, portanto, é o que rege o mundo” (ARENDT, 2015, p. 25).

A construção social da realidade é maior do que a soma dos fatos e acontecimentos, pois a sua compreensão e legitimidade dependem fundamentalmente

da maneira pela qual tais eventos são apresentados. Os responsáveis por contar a verdade dos fatos, o jornalista, o historiador, o romancista, são, por excelência, contadores de histórias.

O filme *The Post* – a guerra secreta (2018) mostra em detalhes a saga do jornal estadunidense *The Washington Post* para publicar partes de um memorando que comprovava que o governo dos EUA mentia à opinião pública sobre a iminente derrota na Guerra do Vietnã (1959-1975). Os documentos, que ficaram conhecidos também como Papéis do Pentágono, distenderam o debate sobre os limites da liberdade de imprensa no estado democrático de direito *versus* o direito das pessoas à informação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição para evitar tão indesejáveis desvios, passa necessariamente pelo ato político de proteger certas narrativas da subversão deliberada dos que ora ocupam o poder. Isso não pode ser realizado senão pela defesa das instituições e práticas que foram desenvolvidas historicamente, a fim de produzir conhecimento tão fidedigno quanto possível sobre a realidade.

Não é por mero acaso que se observa no tempo atual um ataque tão obstinado à imprensa livre, às universidades e às artes. Elas representam os diques erguidos contra a substituição pura e simples da história por falsificações decretadas pelos poderes de plantão. Tais instituições fomentam e robustecem o debate público, o que talvez não seja possível no ambiente virtual, em que as pessoas tendem a absorver informações e perspectivas que, na maioria das vezes, apenas reforçam os seus próprios pontos de vista.

O dilema é que, embora sejam instituições e práticas que emergem do reconhecimento, por parte da sociedade, da importância de haver entidades capazes de fiscalizar, controlar e orientar o poder que estejam fora do domínio político do Estado, para funcionarem a contento, elas dependem de um governo democrático, que respeite as liberdades de expressão e associação, os direitos à dignidade e à autonomia.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Crises da República**. 3º edição, São Paulo: Ed. Perspectiva.

file:///C:/Users/mibra/Downloads/397-Texto%20do%20artigo-1871-1-10-20120831.pdf. Acessado em 09/jun./2020.

<https://jus.com.br/artigos/74714/pentagon-papers-um-conflito-entre-a-verdade-e-a-mentira>. Acessado em 09/jun./2020.

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/hanna-arendt-e-a-guerra-pela-verdade/> Acessado em 09/jun./2020.

<https://www.politize.com.br/the-post-a-guerra-secreta/> Acessado em 13/jun./2020.